

As extremidades do vídeo na internet em Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta¹

Juliana Garzillo² e Lucas Lesprier³

Resumo

Este texto analisa o documentário Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta (2016), realizado pelo Coletivo Quarta Pessoa do Singular. Retratando protestos que ocorreram na Avenida Paulista, em São Paulo, a favor do impeachment da presidente Dilma Roussef, e que foram transmitidos ao vivo em streaming via o aplicativo Periscope, o documentário abre uma gama de possibilidades de leitura. Para o presente texto, refletimos sobre a poética desse vídeo via extremidades, de Christine Mello, abordamos subjetividades maquínicas e discursos identificados no documentário com embasamento de Delleuze e Guattari e concluimos com questionamentos sobre a imagem intolerável, de Rancière.

Corpo do trabalho

Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta (2016)⁴ nomeia o documentário objeto de análise do presente capítulo. Com duração de 23' 01", realizado pelo Coletivo Quarta Pessoa do Singular⁵, trata-se de uma obra mergulhada no contexto histórico do processo de impeachment da presidente Dilma Roussef. Montada a partir de vídeos capturados via Periscope⁶, sua narrativa se divide de acordo com três dias de protestos ocorridos na Avenida

¹ Artigo apresentado ao Eixo Temático 13: Arte, Cultura e Tecnologia, do XI Simpósio Nacional da ABCiber.

² Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, doutoranda em Meios e Processos Audiovisuais pela Universidade de São Paulo. julianagarzillo@gmail.com

³ Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professor de cinema e audiovisual na Universidade Anhembi Morumbi. lucaslesprier@gmail.com

⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fU2GpHdJJaA>

⁵ Coletivo de realização e pesquisa audiovisual formado inicialmente por Felipe Neves, Juliana Garzillo e Lucas Lesprier, em 2016. Mais informações em: <https://www.facebook.com/quartapessoadosingular/>

⁶ Aplicativo de transmissão de vídeo ao vivo no Twitter criado em 2013.

Paulista, em São Paulo. No dia 13 de março de 2016, primeiro dia retratado no vídeo, aconteceu a primeira grande manifestação popular na avenida com posicionamento contra o governo PT. A segunda manifestação ocorreu em 17 de abril de 2016, dia em que a Câmara dos Deputados votou em sua maioria a favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff, reunindo novamente pessoas na avenida para acompanhar a votação que foi transmitida ao vivo em um telão. O terceiro e último protesto pró-impeachment aconteceu no dia 31 de julho de 2016, dia da decisão do Senado a favor do afastamento de Dilma do poder.

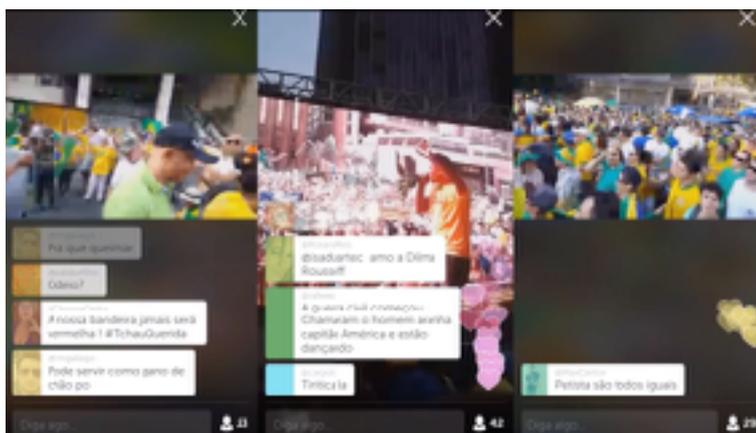


Figura 1: screenshot de Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta

Retratando as tensões na Avenida Paulista nesses três dias, o documentário se apresenta como uma somatória de pontos de vista, todos registrados através de câmeras de celulares e, originalmente, transmitidos ao vivo na internet pelos usuários do Periscope situados em meio aos protestos.

Trilogia Incompleta apresenta três vídeos feitos por smartphones em posição vertical no quadro horizontal do documentário por meio do procedimento de split screen (tela dividida). Desta forma, vemos três transmissões simultaneamente. Essa montagem em sobreposição reforça as próprias características do Periscope, e das redes sociais em última análise, que permite que as imagens e vozes desses manifestantes sejam sobrepostas por textos e emoticons provenientes de comentários de usuários visualizadores, promovendo uma experiência compartilhada em que os textos geram comentários em vídeo e o vídeo gera interações em texto. Os ruídos da imagem decorrentes do sinal precário da internet móvel também foram incorporados à poética do documentário, ampliando a sensação de multiplicidade e polifonia. (CALHADO, 2016)

Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta já tomou diversas formas. Foi exibido pela primeira vez no auditório Lina Bo Bardi, no Museu de Arte Moderna de São Paulo em outubro de 2016, em evento denominado “O discurso do outro”. Após a estréia, o vídeo foi

projetado na marquise do Parque Ibirapuera, virou instalação na Casa da Luz⁷, foi apresentado e debatido em salas de aula e grupos de estudos tanto de graduação quanto de pós-graduação, para finalmente ser disponibilizado na íntegra no Youtube. Aqui, nos interessa destrinchar Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta sob a perspectiva do signo das extremidades, já que seus procedimentos poéticos estão no campo limítrofe de ressignificação de diferentes linguagens, pela conexão narrativa criada entre documentário e internet.

Por falta de termo que dê conta dessa complexidade, facilitando o desenvolvimento de um raciocínio analítico, optamos por chamar esse trabalho em vídeo de documentário. Como matriz que estrutura nossa análise e, relacionando a constelação de autores e conceitos em diálogo no presente texto, propomos uma leitura pelo viés dos três procedimentos poéticos apresentados por Christine Mello em seu livro *Extremidades do Vídeo* (2008), a saber: a desconstrução, a contaminação e o compartilhamento. Atentamos para a noção de extremidades não no sentido de um antagonismo das bordas, mas como extremos que se conectam:

A ideia de extremidades é embasada enquanto “caminho de leitura”, em direção a articulação entre campos não oponentes, mas complementares. É utilizada como atitude de olhar para as bordas, observar as zonas-limites, as pontas extremas, interconectadas em variadas práticas. (MELLO, 2016, p. 124)

Levando em conta as diferentes perspectivas pelas quais abordamos o documentário, dividimos o texto em três partes. Em *Desconstrução do uso programado do Periscope* e o processo criativo apresentamos o processo de criação da obra e o compartilhamento de autoria dela. *Discursos, agenciamento e subjetividades em Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta* trata a obra em sua relação com a ação em rede, dos processos de subjetividade que se formam no período de impeachment e os discursos registrados. Concluindo, em *Sobre as imagens e os intoleráveis* buscamos entender a obra com seu foco no “discurso do outro” e em um processo de seguidas contaminações, que se finaliza na contaminação pelo próprio público que assiste o vídeo e reage contaminado pelo discurso dos criadores e dos personagens captados.

Desconstrução do uso programado do Periscope e o processo criativo.

⁷ <https://www.casadaluz.org/>

No Periscope, aplicativo utilizado para captação das imagens de Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta, o acesso se dá livre e gratuitamente para qualquer pessoa com um smartphone. Uma vez com ele instalado, é possível ver o vídeo de qualquer usuário, em qualquer localidade e horário. A navegação se dá por um mapa bidimensional em que pontos de cor vermelha representam as transmissões ao vivo nos diversos lugares. A criação e compartilhamento de conteúdo em vídeo são a principal função do aplicativo, e, conseqüentemente, a comunicação entre usuários – o app é uma rede social. Comentários são feitos em cima dos vídeos e respondidos em tempo real pelos transmissores, ao vivo. A interação é instantânea e global.

O documentário apresenta para o espectador o processo de interação de um usuário do Periscope em várias etapas: navegamos pelo mapa da cidade de São Paulo, depois vemos a seleção do streaming a ser aberto e assistido e ainda o processo de seguir usuários para receber notificações das publicações deles. Ao navegarmos pelas transmissões ao vivo, é possível notar um padrão de comportamento e conteúdo frente às câmeras de celular dos usuários que fazem transmissão. O uso privado e individualizado do aplicativo é desconstruído e escancarado para os espectadores, em um compartilhamento de testemunho que cria uma cumplicidade entre o sujeito espectador e o documentário.

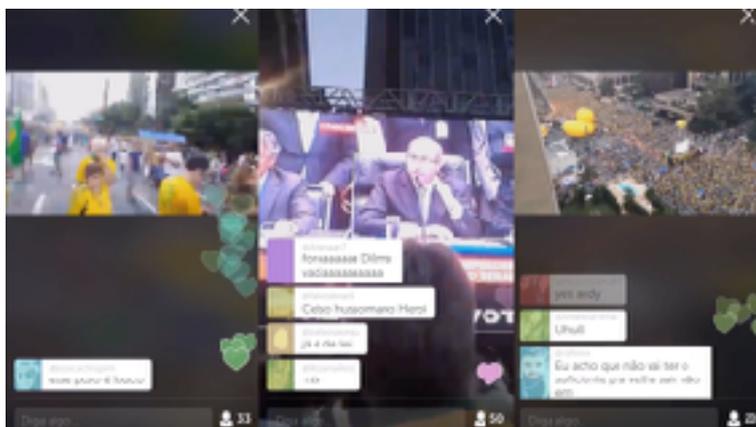


Figura 2: screenshot de Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta

No processo de construção de Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta, o software Periscope aparece não só como fonte de conteúdo, mas também como limitador. Para salvarmos os vídeos das transmissões no aplicativo foi necessária a utilização de outros apps além dele. Isso porque ele é programado para que os vídeos transmitidos ao vivo fiquem disponíveis para visualização somente via streaming e durante 24 horas. Passado esse período,

o vídeo é apagado automaticamente do aplicativo. Por isso, desconstruímos a dinâmica e o uso programado do Periscope ao hackear seu sistema e salvar os vídeos em nossos computadores.

Características comuns em vídeos ao vivo e reproduzidos via streaming, como ruídos e glitches, aparecem em Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta como rastro do que nasceu para ser efêmero mas virou registro permanente, materializou-se em documentário. A dinâmica do ao vivo e do temporário descompromissado no Periscope foi desconstruída, transformada em evidência desautorizada, convertida em arquivo de vídeo, duradouro, fixo. A sensação de ubiquidade causada pelo online desse ao vivo foi substituída, o presente vivido no contato com o vídeo agora é outro, em contaminação de referências e tempos. Criou-se uma memória não programada para existir. E se antes tal conteúdo tinha sido proposto para uma pequena parcela de pessoas – outros usuários do Periscope que estivessem online naquele mesmo dia e horário –, agora ele pode ser compartilhado com qualquer indivíduo que tenha interesse nele.

Para realização do documentário foram gravadas todas as transmissões dos usuários situados na Avenida Paulista em cada um dos dias de protesto, gerando um material bruto de aproximadamente 13 horas de duração. A montagem do vídeo contemplou material de todos os usuários capturados nos dias das manifestações, dando destaque para alguns personagens que ajudaram a construir uma narrativa minimamente explanativa. Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta foi construído com autorretratos dos usuários do aplicativo, que escolheram os momentos, ângulos e conteúdo de suas transmissões. As imagens que vemos da Avenida Paulista foram determinadas pelos manifestantes em seu ato de compartilhar com a internet suas experiências nos protestos.

Os vídeos que compõem Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta têm comportamento característico de seu tempo: são feitos através de smartphones, em posição vertical – o que possibilitou que até três telas diferentes pudessem aparecer simultaneamente na tela horizontal do documentário –, distorcidos e com baixa definição por conta da internet móvel precária utilizada para as transmissões, áudio também precário por conta dos microfones dos aparelhos celulares, imagens tremidas e enquadramentos irregulares por conta da movimentação dos corpos. Esses vídeos são também em primeira pessoa: quem segura a câmera é a mesma pessoa que narra os acontecimentos ou que realiza alguma performance.

O documentário resulta da junção de diversos recortes e pontos de vista. Para sua montagem, foi necessário linearizar a narrativa dos acontecimentos, por mais que diversos fatos e ações retratados pudessem estar acontecendo em tempo real e simultaneamente. Por se tratarem de diversos vídeos ao vivo, sendo transmitidos concomitantemente, foi necessário quebrar com o tempo real deles para que coubessem todos juntos numa mesma narrativa. O uso das três telas, uma ao lado da outra, facilitou a junção de diferentes narrativas numa só, mas de certa maneira forçou uma linearização dos tempos.

Trata-se de um vídeo criado coletivamente tanto pelos usuários que fizeram suas transmissões ao vivo, quanto pelos integrantes do coletivo audiovisual que capturou tais materiais e montou o documentário. Esse compartilhamento de criação pode ser lido como característico de tempos em que conteúdos passeiam pela internet e são ressignificados, remontados por diferentes usuários, em um movimento já naturalizado pelo comportamento em rede. Constantemente lidamos com objetos nas redes sociais e nos aplicativos de comunicação em que já não é possível identificar a autoria original de tais criações, fato que parece já ter sido universalizado e aceito pelos usuários da rede. Observamos um movimento crescente de desconstrução da ideia de autoria dos conteúdos compartilhados na internet.

Nós, do Coletivo Quarta Pessoa do Singular, contaminados pelos nervos exaltados na política brasileira e com a sensação de que estávamos presenciando um movimento importante nas redes, decidimos trabalhar isso tudo em direção a construir um documentário juntos, mas ainda sem grandes certezas sobre onde chegaríamos. Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta é puro processo: o trabalho foi sendo realizado sem a intenção clara do que viria a ser e sem um formato definido. Ele estabelece uma relação íntima e inseparável com a produção coletiva e abarca também a relação dos realizadores com as passeatas pró-impeachment, se dando na urgência desse acontecimento. O ambiente de tensões no qual o processo de criação estava inserido foi a matéria-prima da obra.

Discursos, agenciamento e subjetividades em Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta

Os aspectos do discurso político tanto do documentário quanto dos usuários do Periscope definem de certa maneira sua poética. O momento de tensão na política brasileira é revelado na também tensa interação entre usuários, retratando opiniões, paixões contrárias e

discursos agressivos. As emoções à flor da pele dos personagens retratados e a grande quantidade de informação transmitida por eles vão culminar em um vídeo também tenso, de ritmo acelerado e enérgico. “Ao transpor a polifonia dos atos pró-impeachment de 2016, Trilogia Incompleta problematiza a produção de subjetividades políticas em rede” (CALHADO, 2016).

A crise política no Brasil reflete no perfil de transmissões de vídeo do Periscope e seu imaginário. Se, em contextos outros que não os de protesto e em sua maioria, os streamings são de pessoas em suas casas, querendo conversar sobre assuntos do cotidiano com usuários de outras cidades e países, frequentemente com forte apelo sexual, nas datas dos protestos as transmissões tiveram conteúdo majoritariamente político, independente da inclinação partidária dos usuários. A vontade de discutir o momento do impeachment resultou inclusive na criação de perfis de usuários que acessavam o aplicativo exclusivamente para isso. Foi o caso de alguns dos personagens retratados pelo documentário. Após a turbulência política daquele momento, não foram identificadas novas transmissões nos perfis deles.

Isso nos remete para a criação do aplicativo Periscope em 2013. A invenção do aplicativo veio de um insight que um de seus idealizadores teve ao tentar acompanhar em tempo real pelo Twitter um protesto que estava ocorrendo em Istambul em 2013. Insatisfeito com informações apenas em formato textual, ele imaginou como seria se as pessoas que estavam relatando os acontecimentos pudessem transmiti-los ao vivo pela internet. Percebe-se então sua função originalmente informativa, que passou a ter usos diversos ao decorrer de sua popularização.

O vídeo Trilogia Incompleta é um agenciamento coletivo e mediado da manifestação, com intenção de revelar seus mediadores e suas redes. É também um agenciamento na relação entre o documentário e a ação. Não se dá no que está posto, em seu discurso, mas na busca por explicitar tais relações que escapam à linguagem do audiovisual, escapam ao discurso. Não entendemos a diferença dos discursos como relação de oposição entre o discurso do oprimido e do opressor, um discurso único do golpe ao qual a obra busca se contrapor, mas como multiplicidade de disputas. Foucault apresenta essa articulação:

É justamente no discurso que vêm a se articular poder e saber. [...] não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado, mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes. (FOUCAULT, p. 95, 1997)

O documentário é entendido nessa relação de discursos, que é uma luta micropolítica pelos agenciamentos do enunciado no sentido deleuziano:

O agenciamento unidade real mínima não é a palavra, a ideia ou o conceito; nem o significante, mas o agenciamento. É sempre um agenciamento que produz os enunciados. Os enunciados não têm por causa um sujeito que agiria como sujeito da enunciação, principalmente porque eles não se referem aos sujeitos como sujeitos do enunciado. O enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, as populações, as multiplicidades, os territórios, os devires, os afetos, os acontecimentos. O nome próprio não designa um sujeito, mas qualquer coisa que se passa, pelo menos entre dois termos que não são sujeitos, mas agentes, elementos. Os nomes próprios não são nomes de pessoas, mas de povos e tribos, de faunas e de flores, de operações militares e tufões, de coletivos, de sociedades anônimas e escritórios de produção. (DELEUZE; PARNET, p. 65, 1998)

Não cabe aqui discutir a impossibilidade da existência da obra sem a internet por motivos técnicos, mas sim propor uma visão conjunta em que a subjetividade do mundo em redes traz um pensamento em rede no qual estas produções nascem e se formam. As redes sempre tiveram o poder de produção de subjetividade, mas dominadas por uma hierarquização social que as impedia de funcionar de forma rizomática. Com novos contextos políticos e econômicos e novas tecnologias e dispositivos de comunicação, pode-se criar uma forte relação de reciprocidade entre as redes e as subjetividades, “como se, ao se retirar, a hierarquização social deixasse ver não apenas uma pluralidade de pensamentos, mas o fato de que pensar é pensar em rede” (PARENTE, p. 91, 2004).

Em um momento em que as tecnologias da comunicação têm papel fundamental na ordem mundial, econômica, política e social, nada parece escapar a essa lógica das redes, inclusive a subjetividade. Parente aponta que “máquinas info-comunicacionais estariam engendrando profundas transformações nos dispositivos de produção da subjetividade” (PARENTE, p. 93, 2004).

Nesse complexo sistema, as redes da cultura digital se somam e se integram às da criação. Pensamos a criação do documentário como uma rede de conexões entre pessoas que trabalham juntas em um coletivo, o contexto de manifestações políticas e o Periscope com seus usuários que transmitem, assistem e interagem. Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta se define, então, não como uma narrativa dos fatos e das manifestações, mas como um atravessamento do que foi formado na relação entre o coletivo realizador, as transmissões e a realidade abordada. Na sequência de contaminações: a ação em rede contamina os autores; os

autores contaminam o documentário; as redes se contaminam; o registro é contaminado pelo ao vivo; e as próprias transmissões dos personagens são contaminadas por comentários e emoticons. Dessa maneira, Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta se faz em uma poética de seguidas contaminações .

Christine Mello aponta no livro Extremidades do Vídeo, não apenas para poéticas que surgem com o nascimento de novas tecnologias, mas para as possibilidades poéticas em um momento de ampliação dos usos e do acesso a essas tecnologias: “ambiente cultural em que as novas mídias já se encontram disseminadas nas práticas sociais e no contexto urbano”. (MELLO, 2008, p. 220). As poéticas apresentadas por Mello passam por tecnologias midiáticas e de massa, e por meio delas se relacionam com questões políticas: “Nesse sentido as poéticas da wired city atuam nos diálogos promovidos pelas redes comunicacionais de massa, imprimindo maior confronto e questionamento ao sistema sociopolítico e econômico” (MELLO, p. 220, 2008).

Entendemos então Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta como uma obra nas extremidades. Sua poética é fundada em seguidas contaminações, sua base está no arquivamento dos vídeos compartilhados em rede e no compartilhamento da autoria. Desta maneira, temos uma obra em vídeo que, na tentativa de registrar o movimento que acontece na internet, contamina-se por ela. Enquanto coletivo realizador, nos interessou capturar a expansão dos movimentos pró-impeachment em suas contaminações, com seu fundamento na rede e suas contradições expressas nos comentários. Nesse sentido, a obra não enfoca a realidade dos fatos políticos, mas aponta sua hipotética lente para a máquina de produção de subjetividade que foi formada no contexto do golpe de 2016.

Entendemos máquinas de produção de subjetividade, no sentido que apresenta Félix Guattari:

As transformações tecnológicas nos obrigam a considerar simultaneamente uma tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade e uma tendência heterogênea, quer dizer, um reforço da heterogeneidade e da singularização de seus componentes. (GUATTARI, p. 15, 1992)

Os processos maquínicos de produção de subjetividade não dependem de máquinas modernas. Equipamentos coletivos complexos de modelização da vida e do pensamento existem desde sociedades arcaicas e pré-capitalistas. Mas, no caso de Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta, tentamos buscar a importância dessa máquina da rede e da internet na

formação e na reprodução da narrativa do golpe: a narrativa de Dilma como vilã que precisa ser tirada do poder. Conforme Calhado aponta:

A experiência estética de Trilogia Incompleta traduz a multiplicidade de vozes, imagens e o caos informacional que envolveu os brasileiros no processo do golpe sofrido pela presidenta Dilma Rousseff, que completou um ano em 17 de abril. Ao contaminar-se pelos efeitos do software nos modos de pensar e sentir contemporâneos, o documentário se faz político, pois traz a dinâmica movediça e complexa da disputa pela produção de subjetividades em rede, um grande desafio para os projetos de esquerda hoje. (CALHADO, 2016)

No evento da FIESP focado nas transmissões que compõem o documentário, vemos a relação entre o discurso que vem da pessoa comum e o discurso de uma instituição que tenta se somar. O palco e telão criam o cenário para que tal discurso se disfarce em discurso singularizado do indivíduo, mas que na verdade se aproxima mais de uma apresentação da subjetividade tradicional da narrativa criada pelas mídias a favor desse golpe.

Redes Audiovisuais

Não apresentamos aqui novas redes da internet, como o periscope, apenas como algo que possibilita novos lugares de escoamento de produção, e incentivam a produção audiovisual. Chamamos a atenção para o pensamento em rede como nos apresenta André Parente. As redes comunicacionais gerariam uma nova subjetividade, por um processo de subjetivação diferenciado do tempo que precede a atual tecnologia da comunicação. Temos nestas redes que funcionam baseadas no audiovisual um novo processo de construção e de reprodução de discurso político, no caso estudado. Temos um novo processo de subjetivação acontecendo em redes que tem como especificidade o uso do audiovisual. Entendemos então redes como o periscope como Redes Audiovisuais, por consideramos o uso da linguagem audiovisual de extrema importância para a sua participação neste processo de subjetivação, o audiovisual não é apenas suporte é elemento fundamental sob o qual se dá a construção destes indivíduos em rede.

As redes sempre tiveram o poder de produção de subjetividade, mas dominadas por uma hierarquização social que as impedia de funcionar de forma rizomática. Com novos contextos políticos e econômicos, e novas tecnologias e dispositivos de comunicação, pode-se criar uma forte relação de reciprocidade entre as redes e as subjetividades, “como se, ao se

retirar, a hierarquização social deixasse ver não apenas uma pluralidade de pensamentos, mas o fato de que pensar é pensar em rede”. (PARENTE, 2004, p. 91, grifo do autor).

Em um momento em que as tecnologias da comunicação têm papel fundamental na ordem mundial, econômica, política e social, nada parece escapar a essa lógica das redes, inclusive a subjetividade. Parente aponta que “máquinas info-comunicacionais estariam engendrando profundas transformações nos dispositivos de produção da subjetividade”. (PARENTE, 2004, p. 93). O autor apresenta essa consonância de grande parte do pensamento contemporâneo sobre a importância das redes informacionais para as mudanças no mundo atual:

Os termos empregados para qualificar o nosso tempo — ‘era da informação’, ‘era do simulacro’, ‘era do virtual’, ‘sociedade de controle’ — já são uma admissão de que as mudanças são causadas em grande parte pelas novas tecnologias de comunicação e informação. (PARENTE, 2004, p. 93)

Isto não quer dizer que a tecnologia seja de todo positiva ou negativa, ou mesmo que aponte para uma direção única. Conforme apresenta Parente, esta é a visão de Guattari sobre a complexidade deste contexto:

Concordamos inteiramente com Guattari sobre o fato de que, até agora, as novas tecnologias resultaram em um processo de estranha mistura de enriquecimento e empobrecimento, singularização e massificação, desterritorialização e reterritorialização, potencialização e despotencialização da subjetividade em sua dimensão autorreferencial (singularizante, processual, dissensual). (PARENTE, 2004, p. 93)

Nas palavras de Guattari:

As transformações tecnológicas nos obrigam a considerar simultaneamente uma tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade e uma tendência heterogênea, quer dizer, um reforço da heterogeneidade e da singularização de seus componentes. (GUATTARI, 1992, p. 15)

Temos, portanto um novo lugar para a comunicação neste contexto em que pensar é pensar em rede: “pensar em rede não é apenas pensar na rede, [...], mas é sobretudo pensar a comunicação como lugar de inovação e do acontecimento, daquilo que escapa ao pensamento da representação” (PARENTE, 2004, p. 92). Os processos maquínicos de produção de subjetividade não dependem de máquinas modernas. Equipamentos coletivos complexos de modelização da vida e do pensamento existem desde sociedades arcaicas e pré-capitalistas.

A subjetividade, então, não é uma essência única e primordial, mas fruto de um processo de subjetivação que acontece em uma realidade. Por exemplo, com isso, o processo de subjetivação de um indivíduo no contexto da comunicação pela internet não pode ser o mesmo de um indivíduo na idade média. Aqui, se nos voltarmos sobre o tempo e a percepção sobre ele, entenderemos que, num contexto em que para se atravessar o mundo com uma mensagem eram necessários cavalos e barcos, há uma relação diferente do que a de um mundo de comunicação quase instantânea da internet. Há também na percepção do tempo as redes como forma do pensamento atual:

Quando falamos e pensamos, nossas falas e pensamentos já não exprimem uma essência que neles se exterioriza: eles são como que colagens que apenas indicam os padrões das redes que nossas articulações tecem. (PARENTE, 2004, p. 95).

Acreditamos redes audiovisuais, como periscope, formadas na internet não são o motivo para o surgimento de posições políticas extremadas e de novos discursos cada vez mais inflamados, ou tampouco acredito que não há uma intenção e uma motivação macropolítica para estas novas posturas ideológicas. Mas, entendemos que o sujeito que produz conteúdo e reproduz discursos nestas redes existe no mundo em que estas redes estão dadas, o que propicia uma nova possibilidade de pensamento e, conseqüentemente, um novo ambiente de posicionamento político que passa pela criação audiovisual.

A relação da tecnologia da informação com o pensamento não se dá apenas como prótese, ou seja, a tecnologia como uma extensão que auxilia o indivíduo ou o coletivo. Aqui temos uma tecnologia que funciona em rede com o humano, faz parte de seu processo cognitivo e da maneira como ele se dá. Com isso, temos uma rede que participa do processo de subjetivação não como apêndice possibilitando um novo meio, mas agindo de fato sobre este processo. Por exemplo, não entendemos aqui a internet apenas enquanto uma plataforma que permite um novo lugar para que se produza, mas algo que faz parte da rede de pensamentos e do processo cognitivo.

O que está em jogo é menos a função protética da tecnologia – que de fato muitas vezes serve como uma extensão de habilidades cognitivas dadas (uma prótese que prolonga e potencializa nosso pensamento e seus processos de tratamento de transmissão das informações) – do que um processo contínuo de delegação e distribuição das atividades cognitivas que formam uma rede com os diversos dispositivos não humanos. (PARENTE, 2004, p. 103)

Neste contexto, temos Redes Audiovisuais nas quais o vídeo não é suporte, mas elemento do processo cognitivo de formação de um novo pensamento político. Apontamos então para que este novo pensamento, desta nova(velha) direita apresentado em Verde e Amarelo: trilogia incompleta, não tem o audiovisual apenas como ferramenta, mas tem no seu processo de formação de subjetividade e no processo cognitivo das pessoas que adotam seu tipo de pensamento, o audiovisual como elemento fundamental.

Sobre as imagens e os intoleráveis

Passados dois anos do impeachment, o cenário político em nosso país continua o de crise em 2018. Diversos projetos impopulares foram aprovados pelo governo de Michel Temer, antigo vice da presidente Dilma Rousseff. E em ano também de Copa do Mundo, acontecimento que de certa maneira produz influência nas campanhas presidenciais, tivemos uma eleição conturbada. O Brasil contemporâneo tem se mostrado cada vez mais conectado pela internet, e, paradoxalmente, também mais desconectado. Dependentes das redes sociais e aplicativos de mensagem de texto, vivendo a ilusão do livre acesso e se fechando cada vez mais em bolhas, os sujeitos brasileiros se separaram em dois grandes grupos de interesses e crenças. Resultado disso, Jair Bolsonaro⁸ venceu a eleição para a presidência, decidida por conta de campanhas via Whatsapp⁹ e fake news¹⁰. Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta se concretiza agora como um testemunho do início do processo que culminou na escolha extremada de um presidente defensor de ideias que até então pareciam ser entendidas como inaceitáveis pela maior parte da população, como a tortura, por exemplo.

Nesse cenário, continua-se publicando e compartilhando na internet conteúdo em vídeo, texto e áudio, sobre política. Apesar disso, transmissões ao vivo como as que capturamos via Periscope não foram mais observadas. O próprio aplicativo tem sido cada vez

⁸ Nas eleições de 2018, o candidato Jair Bolsonaro do partido PSL foi eleito no segundo turno com 55,13% dos votos válidos versus o candidato Fernando Haddad, do PT, com 44,87% dos votos válidos. Fonte: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Outubro/eleicoes-2018-justica-eleitoral-conclui-totalizacao-dos-votos-do-segundo-turno> acesso em 06/11/18

⁹ Aplicativo gratuito para troca de mensagens de texto e voz via internet. <https://www.whatsapp.com/>

¹⁰ De maneira semelhante à campanha de Donald Trump nos Estados Unidos, o crescimento de popularidade de Jair Bolsonaro contou com notícias falsas, ou *fake news*, contra seu adversário. Mais sobre o assunto em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/26/politica/1540581604_252622.html acesso em 06/11/18

menos utilizado também pela população, que migrou o consumo e produção de vídeos ao vivo para o Instagram ou Facebook¹¹. Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta explicita a narrativa do ano em que nasceu e os vídeos capturados via streaming se dão como sintoma de um processo em andamento, como evidência dos discursos e comportamento de uma parcela da população conivente com o afastamento de Dilma Rousseff da presidência.

O título do documentário aponta para uma falta: no terceiro dia de protesto não houve transmissão ao vivo via Periscope. Este fato, além de representar o enfraquecimento do movimento dessas pessoas e a desistência delas de disseminá-lo também na internet, vai de encontro com o texto que aqui escrevemos hoje. Nossa tentativa de trilogia foi minada, resultando em algo que chamamos de incompleto, não no sentido de algo inacabado, mas de que lida com uma falta. Incompleto está também nosso texto, considerando que a concepção do vídeo se deu em trio, em três vozes ativas, e aqui ficamos sem a perspectiva de Felipe Neves, integrante do coletivo e também autor do documentário, numa tentativa de dissertar sobre nosso processo como um todo. Nunca estaremos de fato satisfeitos com o resultado que sair daqui.

Apresentamos Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta para diferentes públicos e notamos uma gama de reações e respostas a ele. É relevante o fato de que ninguém demonstrou indiferença ao assisti-lo, apontando para uma potência a ser entendida. Podemos também nos colocar (nós, realizadores) como espectadores, considerando o processo de captura de tais vídeos transmitidos ao vivo. Assistimos o material bruto de aproximadamente 13 horas de duração, no mínimo duas vezes, para fazer sua decupagem. Assisti-lo ao vivo durante os protestos não foi fácil, pois o discurso captado é pesado e frequentemente ofensivo. Mas algo nos moveu em direção a continuar esse trabalho, e esse algo indeterminado permitiu que o documentário fosse finalizado.

Exibimos Verde e Amarelo: Trilogia Incompleta pela primeira vez no Museu de Arte Moderna de São Paulo ainda em 2016, no auditório, e o público foi majoritariamente de jovens estudantes. O evento foi intitulado “O discurso do outro”, numa tentativa de reflexão sobre as bolhas em que vivemos e a falta de comunicação entre elas. Fizemos um bate-papo após a exibição e identificamos que boa parte dos espectadores entendeu erroneamente que

¹¹ Com a diferença de que a navegação no Periscope é feita através de mapas, facilitando o contato entre pessoas totalmente desconhecidas e sem nenhum laço comum, enquanto no Facebook e Instagram a navegação se dá por redes de amigos, fortalecendo a existência das chamadas bolhas.

nós, realizadores, concordávamos com os personagens do vídeo. Já pelos que concordavam com tais personagens, houve recepção animada. Apresentamos novamente o documentário em sala de aula na PUC-SP, na FAAP, em algumas ETECs, e mostramos para professores nossos e colegas da academia, e a conclusão que chegamos foi a de que os espectadores identificavam diferentes discursos e suas reações por vezes eram acaloradas, em diversas direções. Não houve consenso: para uns, o vídeo era a favor do impeachment, para outros, era contra, para outros ainda, estávamos disseminando um discurso de ódio e, portanto, deveríamos parar de mostrar o vídeo para as pessoas.

Isso posto, dialogamos com a ideia de imagem intolerável, de Rancière. A imagem intolerável é aquela que causa no espectador o desejo de desviar o olhar, ou que provoca nele o sentimento de repulsa. Para algumas pessoas, o conteúdo de Verde Amarelo: Trilogia Incompleta foi aflitivo além do aceitável. Nessa direção, Rancière questiona: “será tolerável fazer tais imagens e propô-las à visão dos outros?” (RANCIÈRE, p. 125, 2010). Essas imagens poderiam ser excessivamente reais para serem propostas sob o modo de imagem.

Necessário então realizar uma autocrítica no sentido de pensar a existência do documentário, questionando sua validade como representação com viés crítico de uma realidade. O problema está no deslocamento do intolerável na imagem para o intolerável da imagem:

A imagem é declarada inapta para a crítica da realidade porque releva do mesmo regime de visibilidade que essa realidade, a qual exhibe alternadamente a sua face de aparência brilhante e o seu reverso de verdade sórdida, compondo as duas coisas um único espetáculo. (RANCIÈRE, p. 126, 2010)

Para Rancière, o desejo artístico de causar indignação ao apresentar imagens dessa natureza não necessariamente causa no espectador o desejo de lutar contra a realidade apresentada. Para que tais imagens tenham algum efeito incitante, por exemplo, o espectador deveria prontamente identificar o discurso incongruente comum a todos os personagens do documentário, ao invés de ver ali apenas mais um protesto contra a corrupção no Brasil. E deveria sentir incômodo por seguir com sua vida mecanicamente, sem desvios, durante tais acontecimentos.

E deverá sentir-se culpado de estar ali sem nada fazer, a olhar para aquelas imagens (...) em vez de lutar contra as potências que são responsáveis pelo que se vê. Resumindo, deverá sentir-se já culpado por olhar para a imagem que deve provocar o sentimento da sua culpabilidade. (RANCIÈRE, p. 128, 2010)

Considerando as ideias de Rancière, é possível refletir sobre os diferentes entendimentos e reações a respeito de Verde Amarelo: Trilogia Incompleta. Tais pensamentos nos ajudam inclusive a pensar o lugar desse trabalho no mundo, e também em nosso lugar ao realizar o vídeo. Refletindo um pouco mais, podemos inclusive questionar as próprias colocações de Rancière, convertendo uma das afirmações do autor em pergunta e deixando a conclusão do nosso texto em aberto: será que “o simples fato de olhar para as imagens que denunciam a realidade de um sistema surge já como uma cumplicidade no interior desse sistema”? (RANCIÈRE, p.128, 2010).

Palavras-chave:

streaming; Periscope; extremidades; documentário; subjetividade.

Referências

CALHADO, Cynthia. Estética do software no documentário político. 2016 Disponível em: http://umacascadenoz.cartacapital.com.br/estetica-do-software-no-documentario-politico/?fbclid=IwAR3r7ecfeCB5zOqg_MIBBsj-W42RqZYUEYAyc-LDUCJQFBg5EgQnNpxQRJI

DUBOIS, Philippe. Cinema, vídeo, Godard. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: 34, 1992.

MANOVICH, Lev. Software takes command. New York: Bloomsbury, 2013.

MELLO, Christine. Extremidades do vídeo. São Paulo: Senac, 2008.

_____. Extremidades: Leituras entre arte, comunicação e experiência contemporânea. In: ARANTES, Priscila; PRADO, Gilberto; TAVARES, Monica. (Org.). Diálogos transdisciplinares: arte e pesquisa. 1. ed. São Paulo: ECA/USP, 2016, v. 1.

SALLES, Cecília Almeida. O sujeito nas redes da criação coletiva. In: Nolf, Angela; Macedo, Vanessa. (Org.). Pontes móveis: modos de pensar a arte em suas relações com a contemporaneidade. 1ed.São Paulo:

_____. Redes da criação: construção da obra de arte. São Paulo: Horizonte, 2006.

COMOLLI, Jean-Louis. Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998, p. 65. Disponível em: <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/deleuze-g_-parnet-c-dic3a1logos.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

PARENTE, André. (Org.). Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: _____ et al. Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. Orfeu Negro: Lisboa, 2010.